

# Educomunicação e desenvolvimento social latino-americano: proposta da comunicação católica no Brasil\*

Edson Mota dos Santos\*\*

Maurício Nascimento Cruz Filho\*\*\*

---

## Resumo

Os estudos da Educomunicação têm suas bases referências na América Latina e, especialmente, como fontes inspiradoras, a metodologia pedagógica de Paulo Freire e a análise crítica das produções midiáticas de Mario Kaplún. A evolução do pensamento comunicacional sobre o conceito de Educomunicação deu-se sobretudo com base em práticas sociais já consagradas a partir da década de 1950 e que se foram aprimorando ao longo dos anos, atingindo a década de 2010 com a expressão academicamente consolidada. Como processo de construção social e colaborativa, a Educomunicação também revela na sua trajetória os sinais do caminho civilizatório da América Latina e as marcas históricas do desenvolvimento social, político e religioso do continente.

**Palavras-Chave:** Educomunicação. Sociedade. Igreja Católica.

---

## Abstract

Educommunication studies have their bases in Latin America. Their inspirational sources are mostly the pedagogical methodology of Paulo Freire and the critical analysis of the media productions of Mario Kaplún. The evolution of communicational thinking on the concept of Educommunication was mainly based on social practices already consecrated from the 1950s and that have been improving over the years, reaching the decade of 2010 with the expression academically consolidated. As a process of social and collaborative construction, Educommunication also reveals in its trajectory the signs of the civilization path of Latin America and the historical marks of the social, political and religious development of the continent.

**Keywords:** Educommunication. Society. Catholic church.

---

\* Data de recebimento: 31/10/2017

\*\* Edson Mota dos Santos: Doutor pela Florida Christian University. Mestre em Administração de Empresas pela Universidade Ibirapuera com Pós-Graduado em Gerência Financeira pela Universidade Ibirapuera e Graduado em Ciências Contábeis Universidade Ibirapuera em 1989. Professor na Universidade Paulista – UNIP. Contato: edson65@terra.com.br

\*\*\* Maurício Nascimento Cruz Filho: Doutorando em Comunicação e Educação pela ECA-USP (2014). É Mestre em Teologia Sistemática - Liturgia, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É Mestre em Comunicação pela Faculdade Casper Líbero. Possui Lato Sensu em Comunicação pela Faculdade Casper Líbero. Bacharelado em Teologia pelo ITESP – Instituto Teológico São Paulo e Licenciatura em Filosofia pela UNIFAI – Faculdades Associadas Ipiranga. Contato: mauriciocruz@usp.br.

## As bases latino-americanas da Educomunicação

Os espaços cultural e educacional são os sedimentos propiciadores da nova interface de práticas sociais e construção da pesquisa científica denominada Educomunicação. A configuração sociopolítica que plasmava a América Latina na década de 1960 permitiu o florescimento de uma comunicação alternativa e popular, fundamentada em práticas educativas, como forma de resistência política e força de desenvolvimento social. São exatamente essas práticas que darão fôlego ao conjunto de procedimentos metodológicos que seriam observados e sistematizados pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo na década de 1990, até que se chegasse à proposta paradigmática conceitual emergente na década de 2000.

A Educomunicação preconiza que a informação, a comunicação e a educação são ativas no processo que garante o agir de cada sujeito na edificação do conhecimento e colaboram para a potencialização da sua habilidade de interpelar, de interferir, de criar e recriar o conhecimento instituído, tanto no seu acervo simbólico singular quanto no plano do acervo simbólico estabelecido socialmente. A colaboratividade permite aos sujeitos comporem o que se concebe como cidadania, a vida política na sua mais sublime expressão.

A educação formal atua tanto na esfera da transmissão do acervo simbólico instituído, como também da sua reconstrução. Por meio do processo de transmissão da cultura acrescentada podem-se gerar possibilidades de troca de subjetividades em ambientes de interação que possibilitam o debate, a exposição dos contrários, as con-

vergências, a visibilidade das impossibilidades e possibilidades, elementos fundamentais na renovação do acervo simbólico socialmente estabelecido (GOMES, 2008, p. 3-4). Contudo, ainda que o espaço escolar, lugar privilegiado da educação formal, tenha sido o momento de maior expressão da emergência dos procedimentos metodológicos conceituais da Educomunicação nos anos 2000, vale destacar que, a partir da década de 2010, os contornos do conceito ganham novos horizontes, borrando fronteiras e alargando critérios balizadores para além das tecnologias dos dispositivos envolvidos e suas metodologias de aplicação, como também lançam um sobrevoos de superação dos imperativos limítrofes do ensino-aprendizagem preconizados pela didática convencional.

A Educomunicação é assumida como um paradigma que norteia o planejamento e a implementação de ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e criativos, visando a autonomia comunicativa dos sujeitos da Educação, quer como construtores de relações de convivência, como elaboradores de mensagens ou como usuários dos sistemas de informação (SOARES, 2016, p. 19).

## As áreas de intervenção para o desenvolvimento social

As práticas educacionais emergem de um contexto de comunicação popular, cujas atuações imediatas se davam tanto nos movimentos críticos ao programa ditatorial militar que dominava o continente latino-americano, nos manifestos dos sindicatos dos trabalhadores, na produção de materiais de difusão impressa, radiofônica e audiovisual para a educação da população como nos

cuidados com a saúde básica, especialmente de camponeses e assalariados. A partir dessa matriz, compreende-se o desenvolvimento social em termos de educação para o acesso à cultura que a teoria educativa de Paulo Freire somada à teoria crítica e às produções midiáticas de Mario Kaplún promovem. Embora o conceito tenha evoluído para além da teoria crítica dos meios de comunicação e se tornado um novo paradigma no recém-inaugurado campo de pesquisa na interseção dos tradicionais campos teóricos da educação e da comunicação, é preciso manter distinto o lugar sedimentado da cultura popular onde se origina este novo conceito, ponto de partida imprescindível à compreensão das transformações pelas quais vem passando a proposta educacional.

A existência de uma diversidade de observações e referências acerca do conceito não impede, entretanto, a identificação de aspectos em comum. A convergência mais relevante está no lugar ocupado pelas classes populares e comunidades empobrecidas, que adquirem visibilidade e voz, saindo de uma condição de objetos para a de sujeitos aptos ao desenvolvimento da crítica e dispostos à ação coletiva. Assim, o que configura a Comunicação popular naquele momento é “sua inserção num contexto alternativo, caracterizado por romper a ordem do capital, integrar aquilo que o fragmenta”. Desde então, o conceito de Educomunicação segue em elaboração, sendo processualmente atualizado e reformulado por aqueles que dele se apropriam, sob a influência de contextos também em transformação. No decorrer dos anos 1980, por exemplo, a Unesco fez grande utilização do termo. Movida pela preocupação com os impactos da mídia na formação de crian-

ças e jovens, a Educomunicação passou a ser compreendida quase como sinônimo de “educação para a recepção crítica”. A ênfase era posta na séria questão da gestão da mídia e na necessidade de transformar as tecnologias em instrumentos para o empoderamento de segmentos tradicionalmente oprimidos na América Latina (MÁRQUES; TALARICO, s.d., p. 425, 434).

Com o avanço da era informacional, já na década de 1990, a tecnologia assume um papel fundamental na formação dos jovens da chamada Geração Y, que nasceu no mundo pós-internet; ou seja, é a geração que acompanhou a evolução de estar *online* e em seguida a inserção dos dispositivos móveis nas tarefas da vida diária.

Diferentemente das gerações anteriores, dos “imigrantes digitais”, a Geração Z é a primeira que cresceu alfabetizada digitalmente e independente de qualquer “sotaque”. É a geração que não diferencia o *offline* do *online*. A singularidade dessa geração deve-se precisamente à rápida disseminação da tecnologia digital nas últimas décadas do século XX. No entanto, é uma geração que observa essa sua singularidade num espelho bipolarizado: ora otimista, vendo no auge das novas tecnologias uma oportunidade de democratizar e compartilhar conhecimentos sem distinções de classe, por exemplo, e ora pessimista, vendo-as como apenas novas ferramentas que promovem uma visão rasa e efêmera do mundo. É otimista observar o comportamento dos jovens diante das tecnologias digitais, inclusive com a interatividade discursiva da televisão, cerceando a linearidade tradicional desse discurso. Pela primeira vez na história da humanidade, pode-se afirmar que os jovens assumiram o controle dos

elementos primordiais para uma revolução em comunicação, já que outrora o poder era exclusivo dos veteranos que ditavam suas normas clássicas às redes de televisão e à mídia impressa e, por conseguinte, à visão de mundo de seus proprietários. Doutra parte, o pessimismo pode aparecer à medida que se percebe que, ao invés da inquietude e da curiosidade, até então valores centrais da juventude, estão presentes o consumismo e o imediatismo que perpetuam a infantilidade e assim fazem que a juventude abdique de alcançar a profundidade em qualquer tema, o que por si só se configura como reprodutibilidade funcionalista tradicional, levando esse sujeito do encanto de jovem aventureiro à paralisia de jovem envelhecido no pensamento e na prática (RODRIGUES; ZATZ, 2016, p. 42).

O conjunto das redes sociais é notado pelos jovens como foro de livre expressão. Conforme demonstra a investigação realizada com jovens na periferia de São Paulo, segundo o pesquisador, sua busca de relacionamento e conexão passa pela necessidade primordial da autoafirmação e espaço de livre expressão: percebeu-se que muitos deles não são ouvidos ou compreendidos pelos familiares, professores e amigos. As redes sociais se tornaram um espaço da livre expressão e das possíveis conquistas. O deslocamento das relações primárias, como a família, e também da escola para com os amigos, é um fenômeno que acontece na comunicação presencial e se potencializa nas redes sociais.

### As redes sociais e as “periferias existenciais”

As redes sociais têm despontado em estudos científicos como lugares de pertenci-

mento e construção de sentidos, tornando extremamente complexas as observações que utilizam as metodologias culturais para a produção do conhecimento a respeito desse comportamento social. Há no campo da experiência religiosa atual um espelhamento na cultura midiática digital do mesmo comportamento complexo da sociedade de consumo na sua relação com o sagrado e suas funções na vida pessoal e social dos indivíduos. Assim como o discurso do Papa Francisco constata a periferia existencial no mundo físico, expresso de modo inequívoco na pobreza e na miséria, também é possível identificar, por meio dos estudos da comunicação, essa mesma condição na realidade virtual, na qual indivíduos e coletividades buscam se reconhecer como unidades identitárias.

Se, de um lado, as misérias do mundo – em que a cultura de consumo exclui o humano e diviniza o poder, a riqueza de bens ou posse de marcas – refletem-se claramente no acesso econômico à cultura digital, de outro lado, para aqueles que conseguem acessá-la, tem-se a construção de nichos virtuais de empoderamento social, político ou religioso como forma de alcance de uma identidade não acessível de outro modo. E isso se verifica como “uma das facetas da midiaticização, pois, além de ser fonte de informação, o meio comunicacional passa também a gerar, mediante processos sociais, uma ambiência social de experiência e de prática de fé”, de modo que “não é a ‘religião’ em alguma forma pura ou essencialista que deve estar em questão, mas ao contrário, a forma e o perfil do ‘religioso’ e a sua constituição, em que a definição do ‘religioso’ não é dada hierárquica-autoritativamente, mas emerge a partir das práti-

cas sociais e das ações comunicacionais em torno do ‘sagrado’” (SBARDELOTTO, 2017, p. 98-99).

Tendo em vista essa interculturalidade religiosa multifacetada, presente na sociedade contemporânea e potencializada pelas redes sociais, a proposta de comunicação católica no Brasil abraça os discursos de inclusão e abertura de diálogo do Papa Francisco e formaliza no *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*, Documento 99 da CNBB, a inédita aplicação em documento eclesial católico do conceito e da metodologia da Educomunicação. O pensamento comunicacional católico defendido nesse documento se propõe a atingir tais periferias existenciais por meio de uma abordagem de transversalidade dos procedimentos educacionais, protagonizando uma ação colaborativa que chegue às bordas da exclusão digital a partir da inclusão social, pois, tanto para a Educomunicação como para o pensamento católico, as redes sociais são meios e, como tais, reproduzem em sua ambiência os reflexos dos construtos sociais ordinários: “as mídias e as novas mídias são um novo lugar feito de espaço e tempo onde habitam pessoas de cada categoria social e também onde moram os últimos, os rejeitados pela sociedade, os que costumamos considerar ‘fora do mundo’. Por meio da linguagem passam, de fato, a inclusão, a relação, a consolação e o perdão” (VIGANÒ, 2017, p. 74-75).

A proposta católica, ao aproximar-se dos procedimentos metodológicos e práticas educacionais, é exatamente a de descortinar, por meio da linguagem própria desse novo paradigma de pesquisa científica, o objeto principal do seu interesse: o diálogo com o homem contemporâneo e sua complexidade cultural.

## O plano cultural e a cidadania da fé na proposta católica

Para a Igreja Católica, a juventude significa o futuro de sua representatividade com o crescimento e a divulgação religiosa para mundo no qual convive. Contudo, quando se fala de cultura digital e suas redes sociais, tal plano ultrapassa as fronteiras de sua comunidade física. Os jovens têm a oportunidade de protagonizar uma experiência cultural nova, fazendo de seu período formativo um espaço privilegiado de construção social e política por meio de um diálogo consistente, mediado pela pujança cultural das novas metodologias proporcionadas pelas tecnologias contemporâneas: “os jovens sejam chamados a andar contra a corrente, a exercitar uma contracultura, assumindo até mesmo o risco de sofrer perseguições pela verdade e pelo bem” (CNBB, 2014, n. 225, p. 175-176). Essa proposta vincula à cidadania da fé a ética na vida pública do jovem. Ele, como sujeito de sua fé, torna-se agente promotor de uma “cultura do encontro”, nas palavras do Papa Francisco em sua fala aos comunicadores por ocasião do 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais, em 2014. Uma cultura de solidariedade e colaboratividade que corre na contramão da cultura dominante funcional do mercado, em que o jovem acrítico perde suas bases referenciais de família e cidadania e se torna ele mesmo objeto de consumo. A ruptura com essa cultura nociva requer um adequado processo metodológico de educação, tanto para a vivência da fé como para o exercício da cidadania e a ação cultural do jovem, princípio de uma abordagem educacional:

É justamente no exercício do uso dos recursos da comunicação, em uma perspectiva diferenciada, que as novas gerações vêm sendo formadas para assumir seu papel social de promotores de uma nova comunicação. Em contraposição ao sistema midiático tradicional, baseado em uma ordem vertical de produção, a metodologia educacional inclui o emprego compartilhado dos instrumentos de informação, mediante uma gestão solidária de seus recursos, envolvendo a todos os que estão no processo, tendo como meta a permanente prática da cidadania. O resultado é uma prática que valoriza os promotores de uma comunicação mais dialógica e menos manipuladora. (CNBB, 2014, n. 226, p. 176-177).

Nos diversos pontos do Brasil, agentes pastorais, pesquisadores e religiosos procuram compreender os relacionamentos e as práticas nas redes sociais. Os estudos revelam que alguns blogues católicos não são aceitos ou visitados pelo público ao qual se destinam por uma questão óbvia: no que se refere à comunicação *online*, objetivando analisar o porquê da não aceitabilidade dos jovens em acessarem os blogues católicos, fica evidente o descompasso conceitual desses blogues com a rotina de interesse da juventude. Ainda que as novas tecnologias também façam parte do cotidiano das comunidades religiosas, se fazem necessários conhecimento e formação adequados para a implementação desses recursos junto a qualquer nicho de comunicação. Um dos estudos a respeito desses casos teve por objetivo “demonstrar o papel das novas

tecnologias, sobretudo da internet, na vida religiosa consagrada, bem como a necessidade da formação para que as religiosas possam adquirir conhecimento da linguagem própria das novas tecnologias” (CORAZZA, 2014, p. 10-11).

A formação para o trabalho na área da comunicação na comunidade deve abranger tanto o âmbito da produção de conteúdos quanto o dos processos de comunicação comunitária. Para atender a essa demanda, recomenda-se que as dioceses e as paróquias se articulem para promover cursos regulares de formação, oficinas de produção midiática, debates sobre ações comunicativas e seu emprego na evangelização, bem como sobre a leitura crítica da mídia. Uma metodologia que favoreça tal formação pode ser obtida a partir da denominada prática educacional, especialmente em função da catequese e da vida paroquial. Tal procedimento metodológico visa garantir uma formação prática no uso dos recursos do mundo da mídia por parte dos agentes de pastoral, que favoreça uma postura comunicativa crítica e criativa, voltada para o exercício cotidiano das diferentes pastorais, em que se vislumbrem horizontes de participação solidária e colaborativa. A atuação de um agente de comunicação bem formado é de fundamental importância para alimentar a solidariedade dos fiéis nos espaços da Igreja local e para provocar um ambiente de diálogo e de crescimento dos valores humanos e cristãos.

No âmbito da política, é imperativa a necessidade de formação programática das lideranças eclesiais e leigas para que atuem de forma adequada nos processos definidores das políticas de comunicação do país.

Trata-se de uma formação para o entendimento da comunicação como um fenômeno de natureza sociopolítica para além do uso imediato dos instrumentos e veículos de informação. A participação pública no processo decisório relativo à política das comunicações deve proporcionar uma participação organizada, sistemática e autenticamente representativa, não desviada em favor de grupos particulares. Assim, a Igreja se vê na obrigação de contribuir para o debate de uma política pública sadia na esfera das comunicações sociais. A Igreja se propõe a buscar constantemente o diálogo com os responsáveis pela mídia, aprofundando os aspectos culturais, sociais e políticos dos processos destinados à produção e à veiculação de mensagens (CNBB, 2014, p. 177-178).

Diante do avanço tecnológico, a sociedade contemporânea, e presumidamente mais os jovens, está perpassada pelas ondas da informação, mas longe de isso significar progresso social, cultural, político e humano, pode ser apenas o reflexo das reverberações da economia informacional, um lixo digital circulando nas mídias e consequentemente no cotidiano de todos. O Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil traz essa preocupação, convidando os agentes pastorais e profissionais da comunicação à reflexão e à criação de políticas dialógicas que privilegiem uma comunicação cujas bases se reflitam fundamentalmente na comunhão de sentidos e construção da cidadania, inclusive no que tange à tolerância, especialmente nestes tempos tão áridos de crise política social e econômica com grande impacto sobre o trabalho e a segurança pública e os demais direitos básicos da população brasileira.

## Considerações finais

No plano conceitual da Educomunicação e das especificidades comunicacionais a ela concernentes, salientam-se sua sensibilidade e sua cientificidade como buscas incessantes em todas as suas áreas de intervenção, a saber: mediação tecnológica; reflexão epistemológica; gestão comunicativa; expressão e artes; pedagogia da comunicação; produção midiática; e tantas outras janelas que vão se descortinando no horizonte deste conceito. Cabe-nos agradecer este legado aos inúmeros pesquisadores latino-americanos e materializá-lo ao pugnarmos incessantemente por uma vida digna e inclusiva, até o valor informativo do conceito de inclusão se perder naturalmente, para que todos tenhamos lugar na vida, sem as obstruções invisíveis que, em geral, insistimos em guardar, ou esconder, e que não hesitamos em exibir numa qualquer circunstância oportunista que nos possa fragilizar e persuadir. Mas podemos negociar e exercitar dentro de nós mesmos resistências e competências pessoais e sociais que dão à emoção e à inteligência, à humildade e à tolerância, à coragem e à generosidade na solidariedade e na partilha, à sensibilidade e à cultura, à harmonia e à esperança mais poder e mais força para sermos mais íntegros e indômitos nas nossas convicções e decisões (GUERREIRO, 2013, p. 74)

Em seu papel de construir e disseminar sistematicamente conhecimentos sobre as relações entre pessoas, comunidades e sistemas midiáticos, favorecendo a adoção de políticas adequadas no setor, a Educomunicação tem como metas: promover a formação para os processos dialógicos de relacionamento; favorecer procedimentos

de análise crítica ante os meios de comunicação; oferecer formação para o manejo adequado dos recursos da informação a serviço do bem comum; promover a cidadania por meio de uma economia solidária, ecossistêmica.

A abertura para com o outro, base do processo comunicativo cristão, exige o exercício de uma prática metodológica que tenha como referência o próprio modo de Jesus se comunicar. Ele amava estar junto dos seus e procurava encontrar-se com a multidão. Preocupava-se em perguntar, contar histórias e falar em parábolas, levando em consideração a cultura de seu tempo. Para Jesus, o ato de dialogar significava essencialmente o ato de evangelizar. A comunicação evangelizadora, a partir do Documento 99 da CNBB, tem como pressuposto reforçar o diálogo, em vez de cultivar práticas funcionais de mercado, impositivas, proselitistas, próprias de contextos autoritários.

A educação para a comunicação dialógica necessita de fundamentos teológicos, pastorais e psicossociais que garantam sustentação às experiências de vida comunitária compartilhada. A mais notável dessas referências é o testemunho herdado dos primeiros cristãos, notados e admirados pelos que com eles conviviam justamente pelas atitudes de acolhida e dedicação mútua. A cidadania da fé, vivida com clareza e tolerância à diversidade, a mansidão, a humildade e a caridade são virtudes de um comunicador cristão capaz de gerar um ambiente favorável à partilha da palavra, no mais essencial gesto de comunicação: o diálogo. A Educomunicação cristã, por assim dizer, passa pela consideração do sentido que Jesus e a comunidade primitiva davam à comunicação, na gestão do espaço da comunidade e na relação da comunidade com o seu entorno (CNBB, 2014, p. 169-170).

## Referências bibliográficas

CNBB. *Directorio de Comunicação da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2014.

CORAZZA, H. *Comunicação e educomunicação: jovens e adolescentes e sua relação com a cultura digital, no espaço educativo e de evangelização*, Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-1316-1.pdf>> Acesso em: 09 jul 2017.

GIL, A. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, H. F. *Revista de Ciência da Informação*. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/3041/1/DataGramaZero%20-%20Revista%20de%20Ci%C3%A7%C3%A2ncia%20da%20Informa%C3%A7%C3%A3o%20-%20Henriette.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

GUERREIRO, A. D. *Especificidades educacionais inclusivas num desenvolvimento humano mais universal*. 2014. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/sopcom/article/viewFile/3813/3500>>. Acesso em: 9 jul. 2017.



LAKATOS, E.; MARCONI, M. *Metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MÁRQUES, F. T.; TALARICO, B. S. Da comunicação popular à educomunicação: reflexões no campo da “educação como cultura”. s. d. Disponível em: <<http://gorila.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/viewFile/4897/3333>>. Acesso em: 8 jul. 2017.

RODRIGUES, A. I.; ZATZ, F. A escola contemporânea e o diálogo com a Geração Z: Estudo de caso de educomunicação no ensino médio do Colégio Israelita Brasileiro. 2016. Disponível em: <<http://www.unifatea.edu.br/seer/index.php/eecom/article/viewFile/1468/1131>>. Acesso em: 9 jul. 2017.

SBARDELOTTO, M. *E o Verbo se fez rede*. Religiosidades em construção no ambiente digital. São Paulo: Paulinas, 2017.

SOARES, I. O. *A educomunicação possível: uma análise da proposta curricular do MEC para o Ensino Básico*. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/comeduc/article/viewFile/110451/112708>>. Acesso em: 8 jul. 2017.

VIGANÒ, D. E. *Irmãos e Irmãs, boa noite!* O Papa Francisco e a nova comunicação da Igreja. Petrópolis: Vozes, 2017.